PROJETO DE LEI Nº 507/17

Denomina de Arlette Maron de Magalhães, um logradouro público desta Cidade.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SALVADOR

DECRETA:

Art. 1°. O logradouro nº ....., que tem início ....., codlog nº ....., cujas coordenadas UTM DATUM SAD 69 ZONA 24 são: iniciais X – ....., Y – ....., Folha Sicad ....., passa a ser denominado Arlette Maron de Magalhães.

PARÁGRAFO ÚNICO – A planta de localização de Logradouro integra o corpo da Lei.

Art. 2º. As despesas da presente Lei correrão por conta da verba do orçamento vigente.

Art. 3º. Esta Lei entra em vigor na data da sua publicação.

Sala das Sessões, 11 de outubro de 2017.

LEO PRATES

JUSTIFICATIVA

A ex-primeira-dama da Bahia Arlette Maron de Magalhães, viúva do ex-senador e governador do estado Antônio Carlos Magalhães, era filha de Carlos e Odete Maron, imigrantes libaneses que desembarcaram no Sul da Bahia no início do século XX, Arlette nasceu em Itabuna no dia 15 de novembro de 1930. Para aprofundar os estudos, foi morar em Salvador, onde conheceu o futuro marido, ainda estudante da Faculdade de Medicina da Ufba, Antonio Carlos Magalhães.

Apaixonados, se casaram em 1952, mesmo ano em que o jovem Antonio Carlos Magalhães se formou médico. A princípio, moraram na casa dos pais de Dona Arlette, localizada na Penha, então área nobre da Cidade Baixa.

Nos anos seguintes, Dona Arlette foi testemunha da ascensão do marido, com quem teve quatro filhos: Antonio Carlos Júnior, Teresa, Ana Lúcia e Luís Eduardo. Apesar da visibilidade de ACM, ela manteve o temperamento

discreto e avesso a badalações. Sempre evitou envolvimento com política e holofotes, mesmo nas três vezes em que foi primeira-dama da Bahia.

Dona Arlette, como era conhecida, preferia cuidar da casa e dos filhos, organizar a rotina pessoal do marido, ajudá-lo a tomar decisões em momentos importantes e receber amigos, como o casal Jorge Amado e Zélia Gattai. Um de seus hobbies prediletos era assistir às novelas das 20h com ACM, fã não assumido dos folhetins televisivos.

Apesar da timidez de Dona Arlette diante de pessoas com as quais não tinha intimidade, os amigos a descrevem como uma mulher extremamente simpática, cordial e generosa. Para os familiares, era também doce, amável, presente, atenta e hábil conselheira. Católica praticante, ia às missas todos os domingos e tinha devoção fervorosa por Santo Expedito, o das causas urgentes e justas.

Primeira dama do estado por três vezes, dona Arlette Magalhães atuou como presidente das Voluntárias Sociais da Bahia, dando vazão a outra marca de seu caráter: a solidariedade, expressa através do apoio aos órgãos assistenciais da Igreja e entidades da sociedade civil, sempre sem alarde. Até a morte, continuou fazendo o que mais a realizava: ajudar o próximo sem pedir qualquer aplauso.

Arlette Maron de Magalhães faleceu aos 86 anos, em 07 de outubro, deixa dois filhos, Antonio Carlos Magalhães Junior e Teresa Mata Pires, oito netos e treze bisnetos.

Diante do exposto, solicitamos o apoio dos nobres Pares para a aprovação do Projeto de Lei que ora propomos

Sala das Sessões, 11 de outubro de 2017.

LEO PRATES